



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Luciana de Campos¹

Da suposta noiva que comia demais. Uma proposta de análise da *Þrymskviða*

La mariée supposée qui a mangé trop.
Une proposition d'analyse de l'alimentation dans la *Þrymskviða*

Resumo:

O poema éddico *Þrymskviða*, *A canção de Þrym*, é de autoria anônima e encontra-se somente no Codex Regius. Nesse poema é cantado o roubo do martelo do deus Thor pelos gigantes e o ardil criado por Loki para recuperá-lo. Existem muitos estudos já consagrados sobre esse poema no que diz respeito ao travestimento do deus Thor, que usa um vestido de noiva para enganar os gigantes e, assim ter de volta seu martelo. Em nossa análise nos atentaremos a um aspecto do poema que até o momento foi pouco estudado que é a questão da gula do deus que impressiona a todos os gigantes, tamanha a voracidade. Devidamente respaldados por uma bibliografia que se debruça sobre a história cultural da alimentação medieval trataremos da gula de Thor como um importante hábito da sociedade nórdica.

Palavras-chave:

Þrymskviða; Alimentação e gula; Bebida e comida na sociedade nórdica.

Résumé:

Le poème éddique, *Þrymskviða*, *La chanson de Þrym* est écrite de façon anonyme et est seulement dans le Codex Regius. Dans ce poème est chanté le vol Marteau de Thor par des géants et la ruse créé par Loki pour récupérer. Il existe de nombreuses études déjà établies sur ce poème en relation avec Le travestissement Thor, qui porte une robe de mariée pour tromper les géants et ainsi reprendre son marteau. Dans notre analyse, nous nous attenterons a un aspect du poème qui a été jusqu'ici peu étudié qui est la question de la gourmandise de Thor qui impressionne tous les géants, tels voracité. Dûment soutenu par une bibliographie qui se concentre sur l'histoire culturelle de la alimentation médiéval du le dieu Thor et la glotonnerie comme une habitude important de la société nordique.

Mots-clés:

Þrymskviða; Alimentation et gourmandise; boissons et de la nourriture dans la société nordique.

¹ Doutoranda em Letras UFPB, membro do NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos). E-mail: fadacelta@yahoo.com.br

Preâmbulo

A literatura ocidental desde a Antiguidade até a Idade Média apresentou a gula como um ato não necessariamente ruim. Poetas como Horácio escreveram odes dedicadas ao vinho e ao ato de bebê-lo, como um dos prazeres mais deleitosos que o ser humano pode ter. Por essa razão, alguns tradutores e críticos literários especializados em estudar a poesia latina, o denominam como o “poeta da vida e da festa”. Não só a poesia cantou os prazeres do comer e do beber, a narrativa *Satyricon*, de Petrônio nos apresenta a descrição da cena no “Banquete de Trimalquião”, onde o ex escravo oferece um faustoso banquete para demonstrar como a liberdade que trouxe junto com ela uma grande herança pode comprar as mais caras e inusitadas iguarias, capazes de satisfazer não só o apetite voraz dos comensais mas, de convocá-los para uma verdadeira orgia gastronômica. Durante o medievo, a literatura composta na Europa Central (Península Ibérica, França, Itália e Alemanha) passou a retratar a gula como um pecado grave. Aquele que era levado pelos encantos da mesa e da bebida estava indo contra os mandamentos divinos que viam nos excessos à mesa, como algo extremamente negativo. Quando essa literatura descrevia uma personagem que se deixava seduzir pelos aromas, cores e sabores e se entregava a eles sem pestanejar, geralmente era, ou alguém que não devia ser tomado como exemplo de vida e, portanto evitado ou, então, alguém que provocasse o riso. Pois o ato grotesco do comer e beber em excesso era uma atitude típica de um vilão, personagem típico dos *fabliaux*² que serviam para fazer rir e, assim mostrar quais atitudes podiam ser evitadas pelos bons cristãos e gentis homens e belas mulheres.

Mas, essas “lições de moderação” à mesa, descritas tanto nas narrativas como em muitas poesias da Idade Média Central e Baixa, não são unânimes em todas as literaturas compostas na mesma época. Há autores na sua maioria anônimos, que enxergavam a voracidade do apetite por comida e bebida, não como um desvio de caráter, mas, como algo positivo, revelador de força e virilidade. Como fica evidenciado em algumas obras da literatura nórdica compostas durante o medievo. Muitas das obras literárias compostas nesta época possuíam um caráter didático, pois, apresentavam o ato de comer em excesso como uma fraqueza do espírito e, portanto um pecado. As personagens dessas narrativas quando são descritas como glutões e beberrões, é justamente para mostrar a fraqueza dessas personagens, pois por terem o espírito fraco e facilmente corruptível, se deixam seduzir e dominar pelos prazeres da carne: esse, em duplo sentido, pois, satisfaziam-se em comer em demasia o que constituía um grande prazer corporal e, assim, não jejuavam nos períodos determinados pela Igreja e se fartavam com assados gordurosos e com carnes de caça em abundância nutrindo a sua carne com carne, demonstrando com

² *Fabliaux*, são textos narrativos curtos de autoria anônima, escritos entre os séculos XIII e XIV que apresentavam situações cotidianas com um fundo moral e sempre satirizando figuras importantes, como os monges, cavaleiros e ridicularizando outras, como, por exemplo o vilão e o camponês.

esses atos de glutões, nenhuma preocupação com o alimento para o espírito, que seria o jejum e a recusa em comer carnes em excesso.

É importante salientarmos que essas descrições da gula, de fartar-se de carne fosse ela bovina, suína, ovina, caprina, de caça ou de aves e beber vinho ou cerveja em demasia, sempre foram apresentados como um ato a não ser seguido, algo que só aqueles mais vis e ignorantes faziam. Como a literatura do século XII seguia as regras da cortesia no que diz respeito às descrições das personagens, suas atitudes e até o ambiente em que circulavam, portanto tudo devia cantar o *fin' amour*, apresentar atos corteses de homens e mulheres e, principalmente, ditar os comportamentos, modos e maneiras que os ouvintes dessas obras deviam seguir. Atos considerados “bárbaros”³, ou grotescos como a gula eram descritos principalmente nos *fabliux*, que ridicularizavam esses atos cometidos principalmente pelos camponeses e vilões que em muitas dessas narrativas têm atitudes animais e, portanto, estavam mais propensos a cometer excessos que deviam ser evitados e combatidos por aqueles homens e mulheres corteses que viviam sob a proteção dos muros dos castelos.

A literatura cortês da Europa Central pregava portando um modelo de moderação e finos modos à mesa, desprezando os glutões e valorizando aqueles que se alimentavam com frugalidade. A literatura nórdica vai nos apresentar um modelo completamente diferente desse: a gula, o comer e beber em excesso, os modos rudes à mesa e tudo que contrariava as regras corteses era visto com bons olhos e considerado sinônimo de virilidade, força e, principalmente, capacidade de liderança.⁴ Mas, não era só durante a vida do líder e do guerreiro que o ato de se reunir com seus pares em torno da mesa para comerem e beberem era uma constante. A literatura nórdica nos apresenta descrições de banquetes com abundância de carne de porco, hidromel e cerveja no *post mortem*. Como um dos vários exemplos dos banquetes na vida após a morte, citamos o poema com vinte e cinco estrofes, *Sonatorek*, composto por Egil Skallagrímsson na Islândia, do século X. Nesta obra o autor, compõe uma elegia para prantear os filhos mortos em um naufrágio. Ao cantar a sua dor por ter perdido os dois filhos, o poeta e pai crê que os filhos estão se fartando com muita cerveja no fundo do mar, uma forma de recompensa pela morte trágica no naufrágio. Além de apresentar a cerveja como

³ Utilizamos o termo “bárbaro” no sentido daquele que desconhece as regras da cortesia e, portando as infringe, não sabendo se comportar de maneira “cortês”, no sentido medieval da palavra.

⁴ “Por isso, o poderoso se definia, em primeiro lugar, como um grande comedor. De acordo com a narrativa de Liutprando de Cremona, em 888, o duque Guido di Spoleto foi rejeitado como rei dos francos porque se sabe que ele comia muito pouco: “Não pode reinar sobre nós quem se contenta com uma refeição modesta”, teriam afirmado na ocasião seus eleitores. É como dizer que o fato de comer muito, de conseguir consumir mais comida que os outros não era a simples consequência de uma situação de privilégio (um poder fazer), mas tendia a se configurar como um tipo de obrigação social, um dever fazer, uma norma do “comportamento de classe” da qual o senhor não podia se eximir, sob o risco do questionamento da ordem constituída. Isso ainda estava ligado a uma concepção física e muscular do poder, que via no chefe, antes de qualquer coisa, um valoroso guerreiro, o mais forte e vigoroso de todos, o mais capaz, portanto, de engolir enormes quantidade de comida, sinal (e ao mesmo tempo instrumento) de uma superioridade puramente animal sobre seus semelhantes” (Montanari, 2008: 116, 117).

uma bebida que reconforta os mortos afogados pelas águas salgadas dos mares, o poema também reforça o caráter sagrado que essa bebida possuía, pois os deuses assim como os homens a compartilham nos banquetes da outra vida.

Podemos observar o quanto essas duas literaturas compostas praticamente no mesmo período de tempo e, no mesmo continente, possuem referenciais completamente distintos sobre a gula. Enquanto uma procura mostrá-la como um ato a ser evitado e repudiado, a outra a elogia e mostra todos os benefícios que ela traria para o guerreiro. Ao observarmos essas diferenças e elegermos a gula como cerne da análise que vamos propor para o poema *þrymskviða*, será possível contrastar não só a sua importância para a sociedade nórdica, mas, como esse ato de comer desmedidamente, inspirou a literatura e, portanto, influenciou a arte e a sociedade, permanecendo como um estereótipo ainda difundido.

O poema *þrymskviða*

O poema *þrymskviða* é um poema éddico que está no *Codex Regius*. Composto provavelmente entre os séculos XII e XIII, e teve uma grande popularização em forma de rímur, no folclore do século XV. Apesar de sua data de composição não ser precisa, alguns teóricos acreditam que os séculos XII e XIII possam ter sido o berço desse poema, alguns o localizam ainda na Era Viking, de autoria anônima e que durante todo esse tempo sofreu modificações nas diversas versões orais que circulavam na época até alcançar, definitivamente, uma versão escrita. Alguns atribuem a autoria do poema a Snorri Sturlusson, mas essa é uma teoria controversa (Langer: 2015, 234).

O poema éddico, composto por trinta e duas estrofes vai cantar o roubo do martelo de Thor pelo gigante *Þrym* e a estratégia desenvolvida por Loki para resgatá-lo, supostamente obedecendo todas as exigências impostas pelo gigante para devolvê-lo ao seu legítimo dono. Há muitos estudos sobre essa obra que analisam aspectos diferentes do poema, desde os estudos realizados por Ross, que dedica um estudo ao poema, analisando a questão da audiência e da recepção da obra na Islândia medieval e, como os deuses encontram-se representados ao longo das trinta e duas estrofes. Existem autores que dedicaram estudos específicos sobre a data de composição do poema e quais seriam as suas possíveis influências. Alguns desses estudos apontam a Era Viking como a época mais provável da composição do poema e chegam a essa conclusão, pois as análises da obra mostram que ela sofreu poucas alterações na sua estrutura principal, conservando muito da sua grafia e forma originais.

Analisando a *þrymskviða* sobre a ótica da audiência na Islândia medieval, é preciso levar em conta que, essa mesma audiência estava interessada em ouvir os

escaldos cantarem não só a humilhação imposta ao deus Thor pelo gigante mas, principalmente, a recuperação do martelo pelo deus com o auxílio de Loki. A recuperação do instrumento de poder do deus Thor é, segundo alguns estudiosos, um reflexo da humilhação à qual as divindades são sujeitadas pelos seus inimigos e, posteriormente a recuperação da honra e do poder que foram usurpados. Há também aqueles que analisam o poema como um produto cristão, que foi composto para zombar da antiga fé mostrando que os deuses precisam se disfarçar com roupas do sexo oposto, humilhar-se, comer em demasia e cometer atos de violência extrema para poderem recuperar a sua honra. Pela ótica cristã, todos os atos cometidos pelo deus Thor no decorrer do poema estão em total desacordo com a com a sua moral, pois homens trajarem roupas femininas ou vice-versa era considerado pecado, bem como a gula que tem a estrofe vinte e quatro do poema totalmente dedicada a ela e, claro a violência que o deus demonstra para com seus inimigos. Mas, esse olhar cristão, no nosso modo de entender o poema, é moralizante e, ao mesmo tempo, diminui a importância de características fundamentais da sociedade nórdica, herdadas da antiga sociedade germânica, como a força advinda da carne consumida em grandes quantidades e do poder de união entre os chefes que os banquetes proporcionavam.

A gula de Thor na *Þrymskvið*

Todo poema, assim como toda obra literária possui diversas interpretações que variam conforme a época em que são analisados e, também há somente alguns aspectos que podem ser selecionados para serem pormenorizadamente interpretados. Na *Þrymskviða*, há vários aspectos que permitem análises interessantes e que já foram realizadas, como já citamos acima. Mas, há um aspecto do poema que merece a atenção, pois representa um traço fundamental da cultura e sociedade germânica antiga e, conseqüentemente da nórdica: a gula.

A gula nas sociedades germânica e nórdica sempre foi vista – e admirada! – como um fator determinante da força, virilidade e marcialidade, características essas, fundamentais para um ser bom líder, como nos explica Montanari (1998: 292), *a carne é a força e o poder*. E, esse poder e força advindos da carne, principalmente da carne assada, uma predileção dos guerreiros e dos nobres, pois esse não é apenas uma questão de apreciar o alimento preparado de uma determinada maneira há uma explicação “técnico-gastronômica” para essa predileção que se opõe ao gosto dos camponeses, mais fracos que preferiam a carne cozida: quando a carne é cozida em água acreditava-se que o processo de cozimento retiraria toda a força da carne e, portanto esse seria um alimento mais rico e bem aproveitado. Os nobres e guerreiros que apreciavam especialmente a carne de caça preferiam que esse alimento fosse preparado assado, sobre grelhas ou, então diretamente no fogo, conservando assim o sabor mais puro desse alimento, conseguindo muitas vezes,

ainda extrair um pouco de sangue que estava presente em suas fibras (Montanari, 1998: 293). Esse modo de preparar o mesmo alimento, de maneira diferenciada tem, é claro uma razão baseada no gosto de cada grupo social: camponeses precisavam trabalhar muitas horas e, preparar a própria comida, portanto, optavam pelo método do cozimento que permita que trabalhassem enquanto a comida era preparada. Deixavam a carne, muitas vezes cortada em pedaços grandes e duros com legumes e verduras, cozinhando em água por horas a fio em grossos e pesados caldeirões de ferro. Esta forma de preparo do alimento não requer grandes cuidados e podia ser aproveitada ao máximo. O caldo desse ensopado podia ser comido com pedaços de pão elaborado com toda a sorte de farinhas e, mesmo velho e duro, amoleceria permitindo que a refeição ficasse mais substanciosa. Já a carne assada⁵, tão apreciada pelos nobres, – seja nos espetos ou sobre grelhas – exigia mais cuidados na hora do preparo. A temperatura do fogo influenciava na textura da carne: muito fogo poderia queimá-la, ou então, um fogo fraco deixaria a carne dura e com uma textura pouco agradável ao ser saboreada. Portanto, a carne assada não reflete apenas um gosto propriamente dito, de saborear o alimento, ela vai além: pois esse modo de preparar e apreciar o mesmo alimento pode ser observada como:

“a expressão de valores culturais precisos: segundo uma tradição bem determinada em antropologia, o uso do fogo sem a medição da água e dos recipientes domésticos implica uma relação mais estreita com o cru e a natureza selvagem e, portanto, com a imagem profundamente “animal” que a nobreza da alta Idade Média quer dar de si mesma” (Montanari, 1993: 293)

Portanto, a carne – de caça, de gado criado nas pastagens, os peixes com muita gordura como o salmão e bacalhau abundantes nas águas da Europa Setentrional, constituem os alimentos essenciais para um homem, que segundo os ensinamentos do médico medieval, Antimo que no século VI ensinava que a carne possuía o mais alto teor nutritivo e, séculos mais tarde, outro médico Aldebrandin de Siena afirmava que carne era o mais completo dos alimentos porque ela não somente alimenta o homem, mas, acima de tudo, o engorda e lhe concede força (Montanari, 1998: 293).

Coma força advinda da carne, homens e deuses ficavam fortalecidos para enfrentarem seus inimigos e adversidades impostas tanto pela natureza como por seres míticos que os obrigavam a partir em jornadas para recuperarem seus objetos de poder como Thor que vai buscar seu martelo. Guerreiros festejando com carne em abundância, que sai de um caldeirão que nunca esgota o seu conteúdo é um tema recorrente em várias mitologias, como por exemplo, o caldeirão da abundância do deus celta Dagda. Do caldeirão de Dagda, além de nunca se esgotar a comida

⁵ Além do mais, as carnes assadas expressam a ligação muito estreita entre as noções de consumo de carne e de força física, uma ligação que aparece em todos os aspectos da cultura medieval. Com efeito, embora a ciência dietética da época seja herdeira da tradição antiga, ela a adaptou, valorizando o consumo da carne nos planos nutricional e social. Ela não hesita também, em apresentá-la como o alimento mais adaptado ao homem “físico”, a seus músculos, a sua carne” (Montanari, 1993: 293).

mágica que alimenta os guerreiros em quantidade e também os traz de volta à vida aqueles que tombaram no campo de batalha (Guyonvarc'h, 1997: 341). Assim a renovação da vida e da guerra se faz pela carne que sai do caldeirão da abundância.

No “banquete nupcial” que é servido a Thor pelos gigantes que acreditam que quem está ali é a deusa Freya, trajando um belo vestido e que veio desposar o gigante Þrym e, assim recuperar o martelo roubado. A *Þrymskviða*, ao descrever o desespero do deus Thor por perder seu martelo, a negação da deusa Freya em não aceitar ser a moeda de troca para a recuperação da arma do deus, parece aguçar ainda mais a fome do deus, seja por vingança, seja por fartar-se da hospitalidade da mesa oferecida pelos gigantes.

A estrofe 24 da *Þrymskviða* nos apresenta a quantificação dos pratos oferecidos à suposta noiva como refeição nupcial e, assim, mostra a voracidade do deus diante daquele que roubou seu martelo. Abaixo destacamos a estrofe e uma proposta de análise da mesma levando-se em conta o número de pratos apresentados e a quantidade de bebidas consumidas pelo deus Thor.

[24] Lá eles chegaram⁶
 No princípio da noite,
 e para os gigantes
 cervejas foram trazidas.
 Sozinho Thor devorou
 um boi,
 oito salmões,
 todas as sobremesas⁷,
 destinadas às mulheres;
 o consorte de Sif bebeu
 três joias de hidromel.⁸

⁶ Para este artigo optamos por utilizar a tradução da *Þrymskviða* executada pelo prof. Ms. Yuri Fabri Venâncio que está no *Dicionário de Mitologia Nórdica*, no verbete homônimo.

⁷ Na tradução da *Þrymskviða* realizada pelo Prof. Ms. Yuri Fabri Venâncio, aparece a palavra “sobremesas” e, a no poema nos é apresentado que esses pratos devorados pelo deus Thor estavam destinados às mulheres. Na sociedade nórdica e na Idade Média esse conceito de sobremesa não existia. A grande circulação de açúcar na Europa dando origem à confeitaria iniciou-se no século XVI, depois da conquista da América. As cortes europeias que tinham acesso ao produto começaram a usá-lo desmedidamente em praticamente todos os pratos, os sabores salgados, azedos, amargos e doces mesclavam-se e, assim modifica-se o paladar antes acostumado ao doce do mel e das frutas. A sobremesa, tal como a conhecemos hoje, os pratos doces servidos após a refeição constituída de entradas, prato principal e acompanhamentos surge no século XVII com o refinamento das cortes francesas (Hyman, 1998: 627). Acreditamos que, a melhor palavra para ser aplicada seria “iguarias”. Acreditamos que no poema exista a referência a alguns pratos que seriam destinados às mulheres, embora na sociedade nórdica, homens, mulheres e crianças consumiam os mesmos alimentos preparados da mesma maneira e não havia nenhuma distinção entre as faixas etárias e nem entre homens e mulheres. Respeitamos a opção do tradutor, mas, acreditamos que como estamos fazendo uma análise não somente literária do poema, mas, realizando uma análise mais focada na questão da história da alimentação, julgamos necessária escrever uma nota, esclarecendo o leito da nossa posição. E, assim mostrar como os conceitos alimentares são diferentes em cada época e, principalmente como o aparecimento de um ingrediente como no caso o açúcar pode interferir, não somente nos hábitos alimentares, mas também influencia a literatura e arte.

⁸ A primeira acepção que alguns dicionários da língua portuguesa, como por exemplo, o *Dicionário Houaiss* edição de 2010 nos apresenta da palavra “joeira” é peneira. Mais uma vez, repetimos o que escrevemos na nota acima, é a opção do tradutor e ela deve ser respeitada mas como estamos fazendo uma análise do poema nos permitimos alguns adendos à essa opção. Como a joeira é uma peneira e, não corresponde a nenhuma medida para líquidos apresentada nas Leis Islandesas (Gragas) consultamos dois pesquisadores que se dedicam a estudar a História da Alimentação na sociedade nórdica e, eles apresentaram que a medida para o hidromel ingerido pelo deus Thor no poema seria a “sáld”, uma medida para grãos com os quais se faria a cerveja. Um “sáld” corresponderia ao equivalente a 6 quilos de grãos, que permitiriam fabricar algo em torno de dez litros de cerveja. E, essa mesma medida podia ser aplicada ao hidromel. Portanto, segundo os pesquisadores Daniel Serra (Doutor em Arqueologia pela Universidade de Malmo, Suécia) e Jeppe Christenssen (Doutor em Designer pela Universidade de Estocolmo, Suécia) o deus Thor consumiu “três medidas de hidromel” que equivaleriam a 15 litros de hidromel. Os e-mails trocados com os pesquisadores seguem anexo a essa nota. [Daniel Serra](#): (Doutor em Arqueologia pela Universidade de Malmo, Suécia).

I also think it does not matter, however there is a sort of defined measure of liquids in Gragas. Now I am only drawing this from memory as I do not have the book here:

But in there a bucket is supposed to be measured by putting an ell measure diagonally from bottom to top. And also from memory: three such buckets is the volume of a cauldron.

If either of you have gragas perhaps you could confirm this.

Hmm...missed that one. Could be due to the translation I have read though, But no I have not seen any particular measure for drinks. But I guess it could either be some kind of poetic description as you say...meaning like three mouthful at one times or something like that. There is however a measure for liquids in the greygoose laws from 12th century Iceland, describing a bucket with an ell (i think) measuring the bucket diagonally from bottom to top. (And if I recall rightly three such buckets is the volume of an iron cauldron)

[Jeppe Christensen](#): (Doutor na Universidade de Estocolmo)

drakk Sifjar verr sáld þrjú mjaðar."

translates as follows:

sifjar verr = the husband of Sif (that is Thor)

drakk Sifjar verr = The husband of Sif drank

so the whole translate to: The husband of Sif drank three measures of mead.

From the Norwegian and Danish translations the 'measure' appear to be a keg or barrel of some sort - no modern volume given. I don't think it matters, the point made in the poem is that it is a lot of mead.

So digging a bit deeper in this, and remembering this was written down later, most likely using the measurement of that time. There is a Scandinavian measure of called 'sáld' which is probably the one referred to in the poem as 'sáld'.

It gets a bit complicated as this is usually a measure for grain, but can also be a measure of beer (the volume of beer made with one sáld of grain) therefor it converts to a measure of volume. The Norwegian King Haakon the Good wrote laws using this measure for how much beer each man should have at Juletide.

To further complicate things, grain was measured in volume back then so sáld is already a volume unit - it will forever be unclear which of the meanings of sáld is the one intended by the writer.

E-mails recebidos no dia 09/03/2017 às 9:40.

Essa estrofe do poema vai apresentar ao leitor a quantidade de comida e bebida ingeridos pelo deus Thor ao chegar à corte dos gigantes logo depois de ser apresentado como a “noiva” prometida a Þrym.

O quarto verso da estrofe vinte e quatro conta que cervejas foram trazidas para os gigantes. A cerveja era por excelência a bebida do cotidiano para praticamente todas as pessoas, pois, a água, servia como um veículo para as impurezas e, conseqüentemente das doenças. A fabricação da cerveja exigia que a água fosse fervida, e a adição de cereais, maltados ou não e as ervas aromáticas que serviam tanto para dar sabor como para conservar a bebida por mais tempo funcionavam como poderosos agentes antissépticos, deixando assim a água, – agora em forma de cerveja, – própria para consumo. A cerveja era fabricada de maneira rudimentar em todas as casas e, cada família, produzia a cerveja que consumia, fazendo dessa bebida o substituto ideal para a água que, além de saciar a sede, também continha uma dose extra de nutrientes e calorias essenciais para a uma população que, além de exercer funções que exigiam muita força – como, por exemplo, a agricultura que praticamente não possuía nenhum maquinário que substituísse a força humana e exigia muito esforço e, conseqüentemente um consumo maior de calorias (Birlouez, 2011: 22). Os gigantes do poema que consomem a cerveja estão, portanto bebendo algo que era do seu cotidiano e, mesmo em uma ocasião festiva, como um casamento, estes não dispensavam a bebida que era consumida por todos, em grandes quantidades, deixando as bebidas mais vinhas como o vinho e o hidromel para os noivos, nesse caso específico para a noiva.

Logo após a cerveja ser oferecida aos gigantes o poema passa a enumerar todos os alimentos devorados vorazmente pelo deus Thor e proporciona ao leitor⁹ uma descrição do banquete pantagruélico que foi devorado pelo deus perante todos os gigantes antes da cerimônia de casamento. O poema enfatiza que “sozinho”, sem ninguém que o acompanhasse nessa “aventura gastronômica grotesca”, Thor devorou “um boi, oito salmões e todas as iguarias destinadas às mulheres”, ou seja, comeu toda a comida que havia sido preparada para todos os comensais que compareceram à boda de þrym.

Todos esses alimentos que haviam sido preparados para essa ocasião festiva diferentemente da cerveja que era consumida rotineiramente, muitas vezes não fazia parte da alimentação cotidiana. O boi, que é um touro castrado possuía em uma sociedade que dependia da agricultura para a sua subsistência, uma função importante que era tração, fosse para arar a terra ou então como meio de transporte, atrelados às carroças. Uma junta de bois para um fazendeiro constituía uma força de trabalho indispensável para que a terra fosse arada e, assim o plantio assegurado. Os

⁹ É necessário levarmos em conta que na época de composição do poema a sua leitura não era uma leitura solitária tal qual praticamos hoje mas, a leitura de qualquer obra literária exigia uma audiência, que acompanharia as palavras recitadas ou por um escaldo que poderia ser também o autor da obra (Zumthor, 1994: 187).

bois eram mais importantes vivos, usados para o trabalho do que assados ou cozidos, constituindo uma refeição. Animais de grande porte eram abatidos quando já não possuíam mais força para trabalhar e, quando uma ocasião especial – como um casamento, ou um banquete para comemorar a vitória em batalha – exigia. Os animais eram abatidos e preparados, constituindo assim um dos pratos principais da refeição festiva (Birlouez, 1993: 73). Portanto, o boi devorado pelo deus Thor no banquete que precede o casamento, já nos dá uma amostra de que na corte dos gigantes havia abundância de alimentos o que denota que essa é uma terra de riquezas e poder.

Depois de devorar um boi inteiro, o deus Thor devora oito salmões demonstrando que a sua fome era insaciável e já dava mostras de que comeria todas as comidas que lhe fossem apresentadas. O salmão ainda hoje é um peixe fundamental na dieta escandinava e, na Idade Média constituiu um dos alimentos essenciais daquela sociedade, inspirando, inclusive o título de uma saga, a *Laxdaela Saga* (Saga do Vale do Salmão). A carne do salmão consumida fresca, salgada ou defumada, acompanhava as papas, as sopas, os legumes e os pães. A carne desse peixe ao ser processada e sofrer o processo de salga e defumação permitia a sua conservação por muitos meses. Esse alimento, rico em proteínas e gorduras essenciais era conservado mantendo-se saudável por muito tempo e, desta maneira podia ser consumido por todo o longo e rigoroso inverno (Montanari, 2003: 28).

No poema podemos interpretar que os salmões foram apresentados ao deus Thor logo após ele ter devorado um boi inteiro. Mesmo não existindo descrições de como esses pratos foram apresentados – cozidos, assados ou grelhados – podemos inferir que todas as carnes foram servidas assadas, pois como já citamos acima, as carnes assadas eram mais apreciadas pela nobreza, pois elas remetiam a um estado mais selvagem e, mais condizente com a noção de força e poder que os nobres, e, conseqüentemente os deuses tinham. Ao devorar os oito salmões que lhe são apresentados, o deus Thor demonstra não só a sua gula, mas, principalmente, que a sua força advém da ingestão das mais variadas carnes¹⁰ em grande quantidade. Um boi e oito salmões constituíram apenas uma parte do banquete preparado pelos gigantes, havia ainda muito mais comida e, conseqüentemente, bebida.

Os banquetes e os festins eram fundamentais para a sociedade nórdica, pois eles eram além de uma celebração, uma forma ritualística para a criação de laços de amizade e confiança bem como a criação de alianças entre vários chefes para cobaterem um inimigo comum, por exemplo (Montanari, 1993: 302). Os banquetes para honrarem essas alianças muitas vezes também celebravam casamentos que as selariam e, nessas ocasiões festivas todos da comunidade estavam presentes, não

¹⁰ “É preciso também considerar um elemento de natureza quantitativa. O fato de comer muito caracteriza os poderosos. A força – esse indispensável atributo do poder – depende não só do tipo de alimento ingerido (a força é, então, identificada, como vimos à carne), mas, também da quantidade de alimento que se come. (Montanari, 1993: 294).

eram excluídas as mulheres, as crianças ou os idosos. A ocasião era comemorada por todos e, ali, todos podiam partilhar da mesma comida e bebida. Não havia uma distinção entre os alimentos, as carnes assadas e as cozidas podiam ser comidas com pão ou com as mãos já que os utensílios mais utilizados seriam as facas pequenas para cortar os pedaços de carne assada e de pão. As carnes cozidas com legumes eram servidas em grossas fatias de pão, as trinchas, que depois podiam ser comidas já que retinham todo o caldo em que foi cozida a carne ou, então eram atiradas aos cães que também participavam da festa.

E é justamente o verso nove do poema que chama a atenção quando é mencionado que o deus Thor comeu até “as sobremesas destinadas às mulheres”. Não há evidências de que havia comidas específicas para homens e mulheres, ou então que iguarias especiais eram específicas para o consumo das mulheres. Como a *þrymskviða* é um poema que vai cantar uma ocasião festiva como um casamento – mesmo que ao longo do poema ele não seja realizado, mas, sim usado para o deus Thor vingar-se dos gigantes pelo roubo do seu martelo, – onde todos participavam do banquete. Pois em um casamento, celebrava-se não só alianças políticas e militares, mas, também, comemorava-se a formação de uma nova família e, conseqüentemente, a vinda de herdeiros que garantiriam a descendência daquela família. Portanto, nesse momento de se festejar a vida, toda a comida era compartilhada por todos, não havendo comidas específicas para qualquer grupo. A interpretação que fazemos desse verso é que ele mais uma vez apresenta à audiência – seja de ouvintes na Idade Média, seja para os leitores da contemporaneidade –, a gula de Thor, mostrando que o apetite do deus não conhece limites e que, quando está com a comida à sua disposição não deixa que sobre nenhuma iguaria, nem mesmo para as mulheres reforçando assim a força¹¹ e poder do deus frente aos seus inimigos que, nos versos seguintes são enfrentados e vencidos pelo deus. Ao devorar todo o banquete que havia sido preparado para comemorar o suposto casamento entre a deusa Freya, que não aceitou a proposta e, portanto Thor teve que disfarçar-se como a deusa-noiva, e o gigante Þrym para que o martelo fosse devolvido, o deus antes de atacar os seus inimigos precisava se fortalecer e demonstrar todo o seu poder e força não somente para recuperar o que lhe foi furtado, mas, principalmente para mostrar que a sua força era superior a dos ladrões e, assim, os intimidarem para que não cometessem mais atos impensados e que permanecessem submissos. Mas, o deus não só os intimida, ao recuperar o seu martelo que é colocado no seu colo como uma maneira de consagrar a noiva e, assim oficializar o casamento, Thor aproveita-se desse momento e com as forças e sua arma recuperadas, mata todos os gigantes que estavam à sua volta, não poupando nenhum, demonstrando, segundo a nossa análise do poema, que a gula é a fonte de sua força e fúria.

¹¹ Assim, a carne é, a princípio, percebida como um meio para adquirir força. Depois, como a mentalidade guerreira estabelece, inevitavelmente, uma segunda correspondência entre a força e o poder – o direito ao comando é legitimado e justifica-se sobretudo pela boa forma física e pelo valor militar –, decorre daí a equivalência entre a carne e o poder (Montanari, 1993: 294).

Os dois últimos versos são destinados ao hidromel que o deus Thor consome. O hidromel, bebida de caráter sagrado consumida em ocasiões especiais como os banquetes de comemoração das conquistas e vitórias bélicas, das alianças entre os chefes e, claro os casamentos, devido ao principal ingrediente da sua preparação, o mel ser um produto escasso que precisa ser utilizado somente em ocasiões especiais (Campos, 2012: 146). A quantidade de hidromel consumida pelo deus é muito grande e, com certeza estava destinada a todos os presentes no banquete, mas a sua gula o fez consumir toda a bebida que despertou a curiosidade de Þrym, pois por mais que uma noiva bebesse hidromel no banquete de casamento aquela quantidade seria exagerada até para um gigante. A ingestão da grande quantidade bebida por Thor que está apresentada no verso, é proporcional a quantidade de comida. Seria estranho e também contraditório, ingerir muita comida e pouca ou nenhuma bebida. Como a força e o poder, advém da grande quantidade de comida e bebida que o guerreiro ingere o deus, que nesse poema aceitou ser protagonista de uma trama para recuperar o seu martelo e enganar os gigantes, necessitava de forças para isso, mas mais do que isso, era necessário demonstrar essa força e poder em vários níveis, não somente na batalha, mas também à mesa dos gigantes para que esses, segundo a nossa interpretação, já se sentissem ameaçados pela força dessa noiva que não tinha nenhum pudor em esconder o seu apetite. A demonstração de força em forma de gula, diante dos pratos de um banquete nupcial já fornecia as pistas de que o poema evoluiria não somente para a recuperação do martelo roubado, mas, para uma batalha em o deus sairia duplamente vencedor.

A quantidade de hidromel consumida por Thor também precisa ser analisada sob um outro ponto de vista. Como já afirmamos acima, o hidromel era uma bebida de difícil preparação e também uma bebida consagrada ao deus Odin e servida pelas valquírias aos guerreiros mortos ao adentrarem o Valhala, portanto esse néctar era sagrado e somente os mais ricos e poderosos, ou os escolhidos dos deuses podiam dar-se o prazer de degustá-lo. Os escaldos, também eram agraciados com o hidromel: Odin, metamorfoseado em águia, ao roubá-lo de Gunnlod, deixou que algumas gotas caíssem sobre a fronte de alguns escolhidos que, a partir dessa unção passam a escrever poesia. Portanto, o hidromel é a bebida sagrada por excelência e só os mais ricos e poderosos podem consumi-la em quantidade que é o caso dos gigantes, pois como a terra que habitam é uma terra de riquezas, por lá essa bebida assim como as comidas mais caras, seriam servidas em abundância para mostrar que essas criaturas tinham grande poder que se esfacelaria frente a gula e força de Thor.

À guisa de conclusão

No decorrer da leitura do *Þrymskviða*, mais especificamente na estrofe vinte e quatro nos deparamos com essa questão da gula que, para o Ocidente cristão sempre foi encarada como algo a ser evitado, pois o glutão erra ao empanturrar-se

de comida e bebida, o correto seria, segundo a moral cristã, expressa em muitos momentos da literatura medieval, o jejum e a abstinência, a privação levaria à força e, conseqüentemente, à vitória, contrariando totalmente o que se observava nas tribos germânicas antigas desde a época em que Tácito descreve que as grandes decisões políticas, as alianças, os conselhos de guerra, enfim, o futuro desses povos eram decididos em grandes banquetes, onde a comida e a bebida eram abundantes e tanto o jejum como a moderação não eram apreciados. A gula era uma das grandes virtudes admiradas e incentivadas por esses povos.

A sociedade nórdica, herdeira de muitos hábitos germânicos antigos que também enxergavam nos banquetes uma maneira de estabelecer uma relação de confiança com os aliados e formar e fortalecer laços duradouros de cooperação com aqueles que consideravam inimigos (Althoff, 1998: 302). O banquete, local de demonstração pública da gula, onde o ato de empanturrar-se era apreciado e incentivado e, assim foi apropriado pela literatura da época que na pena dos escaldos ganhou bonitas descrições apresentando aos ouvintes e futuros leitores a gula como mais uma virtude a ser cantada e apreciada.

Cantar a gula de Thor, em um poema onde a virilidade do deus é ridicularizada, pois, ao usar um vestido de noiva a fim de passar-se por Freya e, assim enganar o gigante e recuperar o seu martelo, a sua virilidade e força ficam ocultas e, quando ele está diante da mesa do banquete inicia-se pelo menos na nossa concepção, a retomada da poder: comer demais vários tipos de carnes assadas e todo o restante da comida, regadas com grandes quantidades de hidromel sagrado, deixando o restante dos convivas sem praticamente nada para provar e celebrar. Assim, o deus inicia a recuperação do que lhe foi roubado, demonstrando para todos aqueles que estavam presentes, mas, principalmente para aqueles que ousaram desafiá-lo, que a gula por passar dias sem comer e os olhos vermelhos, fruto das noites insones, nada mais eram do que uma pequena demonstração da força de Thor que advém da mesa farta de carnes e hidromel.

Referências

Fontes

Þrymskviða (2015). Tradução de Yuri Fabri Venâncio. In: Langer, J. (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica* (pp. 510-518). São Paulo: Hedra.

Bibliografia

Althoff, G. (1998). Comer compromete: refeições, banquetes e festas. In: Flandrin, J.; Montanari, M. (org.). *História da alimentação* (pp. 300-309). São Paulo: Estação Liberdade.

- Birlouez, E. (2011). *À la table des seigneurs, des moines et des paysans du Moyen Âge*. Paris: Editions Ouestfrance.
- Boyer, R. (2000). Comer e beber. *La vida cotidiana de los vikingos (800-1050)*. Barcelona: José J. de Olañeta, Editor.
- Campos, L. (2011). Um banquete para Heimdallr: uma análise da alimentação viking na Rígsþula. *História, imagem e narrativas*, 12, 01-14.
- Christiansen, E. (2006). *The Norsemen in the Viking Age*. London: Blacwell Publishing.
- Flandrin, J.; Montanari, M. (1998). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Guyonvarc'h, C. (1997). *Magie, médecine et divinations chez les Celtes*. Paris: Payot.
- Graham-Campbell, J. (2001). Food and drink. *The Viking Word*. London: Frances Lincoln Publish.
- Hagen, A. (2010). *Anglo-Saxon food and drink*. London: Anglo Saxon Book.
- Haywood, J. (2000). Food and drink/Feasts and feasting. *Encyclopaedia of the Viking Age*. London: Thames and Hudson.
- Hyman, M. (1998). Os livros de cozinha na França entre os séculos XV e XIX. In: Flandrin, J.; Montanari, M. (orgs.). *História da alimentação* (pp. 625-639). São Paulo: Estação Liberdade.
- Jochens, J. (1998). Drinking and word games. In: *Women in Old Norse society* (pp. 105-110). London: Cornell University Press.
- Langer, J. (2015). *Dicionário de Mitologia Nórdica: Símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra.
- Langer, J. (2004). Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos. *Revista História Hoje*, 5, 01-13.
- Montanari, M. (2003). *A fome e a abundância*. Bauru: EDUSC.
- Montanari, M. (2008). *Comida como cultura*. São Paulo: Editora Senac.
- Ross, M. C. (2010). *The Cambridge Introduction to Old Norse-Icelandic Saga*. Cambridge: Cambridge University Press.

Campos, Luciana de
Da suposta noiva que comia demais. Uma proposta de análise da *Drymskeviða*
www.revistarodadafortuna.com

Rouche, M. (2009). Alta Idade Média Ocidental. In: Duby, G.; Ariès, P. (orgs.). *História da vida privada: do império romano ao ano mil* (pp. 403-532). São Paulo: Cia das Letras.

Zumthor, P. (1994). *A letra e a voz*. A “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido: 30 de abril de 2017

Aprovado: 10 de junho de 2017